

# JOGA BOLA JOGADOR



por:

**KAMILLE VIOLA**

na foto do arquivo nacional:  
jorge ben jor com o trio mocotó

## JORGE BEN JOR, HOMEM GOL

Foi no álbum *Big Ben* (1965) que o futebol fez sua estreia na obra de Jorge Ben (Jor), ainda que timidamente: na música “Deixa o menino brincar”, ele canta sobre o garoto “que, antes de ir pra escola, joga bola e põe a pipa no ar”.

Ele voltaria a abordar o tema em *Jorge Ben* (1969) — com a famosa ilustração do artista com um violão com um escudo do time Rubro-Negro na capa —, anunciando no hit “País tropical” (lançado anteriormente por Wilson Simonal, então o mais popular intérprete do Brasil): “sou Flamengo e tenho uma nega chamada Teresa”. Em *Negro é lindo* (1971), “Porque é proibido pisar na grama” continha um desejo-apelo: “Preciso ver uma vitória do meu time / Se for possível, vê-lo campeão”.

Mas foi o disco *Ben* (1972) que ele trouxe pela primeira vez um dos hinos que tornariam o esporte um dos temas mais marcantes de sua obra. “Fio Maravilha” descreve de forma épica um gol feito pelo atacante do Flamengo naquele mesmo ano: “E novamente ele chegou com inspiração / Com muito amor, com emoção, com explosão, um gol / Sacudindo a torcida aos trinta e três minutos do segundo tempo / Depois de fazer uma jogada celestial, um gol”. Jorge descreve o lance como quem conta a saga de um cavaleiro medieval em uma heroica batalha. Golaço: é uma das músicas mais cantadas em seus shows até hoje. No ano seguinte, para espanto geral, Fio processaria o artista pela canção, algo de que se arrependeria pelo resto da vida. Chateado, Ben Jor passaria a cantar “Filho Maravilha”. A magia da obra, felizmente, permanece.



Em 1973, Babulina registrou uma emocionante versão do “Hino do Flamengo”, composto por Lamartine Babo. Ele — que conta ter chegado a atuar nos times mirim e juvenil do clube — já havia interpretado a música no emblemático programa MPB Especial, dirigido por Fernando Faro, de 1972.

A gravação em estúdio, no entanto, só se tornaria conhecida anos mais tarde, em 2009, com o CD duplo *Salve, Jorge! Raridades e inéditas* (1963-1976), parte integrante de uma caixa que incluía ainda 13 álbuns de Jorge lançados pela gravadora Philips entre 1963 e 1976.

No cultuado *A tábu de esmeralda* (1974), foi a vez de “Eu vou torcer”, na qual Ben Jor enumera coisas pelas quais vai torcer — entre elas, é claro, o mengão. O disco seguinte, *Solta o pavão* (1975), contava com futebol em dose dupla: a também heroica “Zagueiro”, sobre “o anjo da guarda da defesa”, e a divertida “Cuidado com o bulldog”, em que o personagem leva “uma mordida bem grande nos fundilhos” e o eu-lírico comemora: “Bem-feito, não vai poder ir no Maracanã / Não vai poder sentar naquela arquibancada / Dura, áspera e quente / Só vai poder ficar de pé”



Em *África Brasil* (1976), Jorge sobe para três o número de faixas com menções futebolísticas: o clássico “Ponta de Lança Africano (Umbabarauma)”, com seu refrão-mantra e seu riff inconfundível; a inusitada “Meus filhos, meu tesouro”, na qual um dos herdeiros do autor se chama Arthur — tal qual Zico — e quer ser jogador de futebol; e “O Camisa 10 da Gávea”, homenagem ao maior ídolo rubro-negro composta por Ben Jor ainda no Maracanã depois que o Galinho de Quintino marcou quatro gols em um antológico Fla-Flu naquele mesmo 1976. “Seus reflexos lúcidos / Lançamentos, dribles desconcertantes / Chutes maliciosos / São como flashes eletrizantes”, derrete-se o autor.

A *Banda do Zé Pretinho* (1978) também traz uma trinca inspirada na arte das chuteiras: o irresistível sucesso “Cadê o Penalty?”, sobre a final do Campeonato Carioca de 1977, quando o Fla perdeu para o Vasco; “Troca troca”, sobre as mudanças nos times promovidas pelo presidente do Fluminense entre 1975 e 1977, Francisco Horta; e “Era uma vez 13 pontos”, uma referência indireta, já que conta a história de três amigos que ganharam na loteria esportiva.

Já 1983 deu passagem a um desabafo: “A loba comeu o canário”, do disco *Dádiva*, lamentava a derrota do Brasil e seu elenco dos sonhos para a Itália na Copa do Mundo de 1982, na Espanha. A Loba, simbolizando a seleção Azzurra, é uma referência ao mito da fundação de Roma. Conta-se que Amúlio destronou o irmão, Numitor, que reinava em Alba Longa, e condenou a filha dele, Reia Sílvia, a permanecer casta. Ela, porém, engravidou do deus Marte e, para proteger seus filhos gêmeos Rômulo e Remo, deixou-os no rio Tibre. A loba Luperca acolheu os meninos e os amamentou. Já adultos, eles devolveram o trono ao avô Numitor e fundaram uma cidade na margem direita do Tibre, exatamente onde haviam sido encontrados pela loba.

Naquele mesmo ano, Ben Jor registrou ainda, em um compacto lançado na Itália, uma homenagem ao craque Paulo Roberto Falcão, que jogou na Associazione Sportiva Roma entre 1980 e 1985. Cantada em italiano, “Falcão (L'Ottavo Re Di Roma)” faz referência a um apelido que o craque brasileiro ganhou durante sua brilhante passagem pelo time, o Oitavo Rei de Roma. Uma faixa menos conhecida, mas nem por isso menos interessante da obra do Alquimista da Música Brasileira. Ele só voltaria a mencionar o esporte em suas músicas seis anos mais tarde: em *Benjor* (1989), “Cowboy Jorge” fala sobre um misto de orixá, herói e artista — provavelmente ele próprio — que toca para muitas coisas, entre elas um gol de placa.

Em 23 (1993), Jorge gravou a divertida “Goleiro”, em que avisa: “Goleiro não pode falhar / Não pode ficar com fome / Na hora de jogar / Senão, um frango aqui, um frango ali / Um frango acolá”.

*Reactivus amor est* (Turba Philosophorum), de 2004, seu penúltimo álbum lançado, é o derradeiro trabalho do mestre a citar o futebol: ele inclui as faixas “Tupinambás”, com referência ao hit “Ponta de Lança Africano (Umbabarauma)” — “Joga bola, jogador / joga bola, jogador” —, e “O nome do rei é Pelé”, que enumera os feitos do maior atleta do século XX: “O nome do Rei é Pelé, o nome do Rei é Pelé / Pelé de todos os tempos / Incomparável Pelé, Pelé / Pelé da arte e da magia / Com a bola nos pés, Pelé”.

De lá para cá, o mestre lançou mais um álbum — *Recuerdos de Asuncion 443* (2007) — e nenhuma música que nos lembrasse de sua paixão pelo esporte bretão. Mas esse amor estava escrito nas estrelas e, em 1998, um comercial de uma famosa marca esportiva, trazendo a Seleção Brasileira de craques como Ronaldo Fenômeno, Romário, Roberto Carlos, Cafu e Denilson jogando futebol no aeroporto, tinha como trilha o primeiro e maior hit de Jorge Ben Jor, “Mas que nada” (na versão do Tamba Trio). Dirigido pelo chinês John Woo, o filme se tornou sucesso mundial, transformando a música em uma espécie de hino não oficial daquele time estelar.

A dobradinha entre o clássico e o Escrete Canarinho voltou a se repetir na Copa de 2006, quando a versão do Black Eyed Peas com Sergio Mendes foi usada em outra campanha da mesma grife. Mais uma vez, os jogadores da mais mítica das seleções de futebol eram associados a um dos mais inventivos nomes da música brasileira e mundial, lembrando a todos que o casamento entre Jorge Ben Jor e o futebol — graças a Deus — é coisa muito séria.

**Kamille Viola** é jornalista, pesquisadora musical e jorgebenóloga — título concedido pelo mítico crítico musical Tárík de Souza. Pesquisa a vida e obra de Jorge Ben Jor há vinte anos e é autora do livro *África Brasil: Um dia Jorge Ben voou para toda a gente ver* (Edições Sesc), indicado ao Prêmio Jabuti em 2021. Também está entre os autores de livros como *Dossiê Nora Ney: Uma Voz Poética e Política*, 100 anos (Garota FM Books) e *1985: O ano que repaginou a música brasileira* (Garota FM Books).

